

*O audacioso roubo da*  
**obra de arte**

Embora tenham sido capturados pelo vídeo de vigilância da Galeria Nacional, os ladrões conseguiram roubar a famosa pintura de 1893 de Edvard Munch



JOHN DYSON

**A mais famosa obra-prima da Noruega – “O grito” – estava desaparecida e a polícia, num beco sem saída**

**D**OIS VULTOS colocaram uma escada na parede da Galeria Nacional em Oslo, Noruega. Um deles subiu, quebrou a janela e furtou um quadro. A seguir, a dupla desapareceu na escuridão. Entre os cacos de vidro, deixaram a mensagem: “Obrigado pela ótima segurança.”

Convocados no meio da noite, oficiais da polícia norueguesa ficaram estarecidos quando perceberam que os ladrões se haviam apoderado de um dos tesouros nacionais da Noruega: *O grito*, pintado por Edvard Munch.

A figura desamparada, curvada sob o sol de um vermelho intenso da famosa pintura, expressava perfeitamente os sentimentos do país – naquela manhã, 12 de fevereiro de 1994. Os Jogos Olímpicos de inverno estavam sendo abertos na vizinha Lillehammer e todo o mundo se achava com os olhos voltados para a Noruega.

Dentro de poucos dias, a polícia e a Galeria Nacional começaram a receber telefonemas de supostos intermediários que se diziam capazes de recuperar o quadro. Contudo, nenhum deles obteve êxito.

Para Leif Lier, chefe de polícia auxiliar, encarregado da investigação criminal em Oslo, o fracasso foi muito frustrante. A julgar pela linguagem coloquial usada no bilhete, provavelmente os gatunos eram locais. Porém, não havia pistas concretas.

ENQUANTO A NORUEGA sofria com a perda de seu tesouro nacional, dois de-

\* Para proteger os indivíduos, Charles Roberts e Sidney Walker são identidades falsas assumidas para essa operação.

tetives londrinos ficavam cada vez mais intrigados com o caso – o detetive inspetor-chefe, Charles Roberts\*, e o colega, detetive inspetor-chefe, John Butler, da unidade da Scotland Yard que lida com o crime organizado internacional. Tendo em vista que o quadro furtado poderia ser receptado em Londres, não foi surpresa quando Lier entrou em contato com Roberts e lhe pediu ajuda.

“Chuck”, disse Butler a Roberts, “acho que deveríamos ajudar os noruegueses a reaver *O grito*. Como você faria isso?”

Roberts, um dos mais bem-sucedidos agentes secretos da Grã-Bretanha, considerou o desafio. Há apenas quatro meses se fez passar por comprador de quatro obras roubadas numa operação policial muito bem coordenada em âmbito internacional.

Quando Butler lhe contou os detalhes, ele se conscientizou de que esse seria um caso que exigiria o mesmo tipo de imaginação e risco.

Roberts era definitivamente um policial original. Quando garoto, viveu muito tempo nos Estados Unidos. Expára-quadista, era também devoto anglicano. Agora decidiu que a ten-

*Detetive inspetor-chefe John Butler*

FOTO: © ARNT E. FOLVIK, DAGBLADET



*Em 26 de abril, Leif A. Plahter, restaurador da Galeria Nacional, confirmou a autenticidade do pedaço de moldura encontrado*

tativa de recuperar obras-primas furtadas era meio profundamente gratificante de realizar os negócios do Senhor.

Ao ligar para Butler a fim de lhe revelar o plano, Roberts tinha certeza de que os larápios já haviam percebido como era difícil achar comprador para uma das obras mais famosas do mundo. Ao contrário do mito popular, bilionários não pagam fortunas por objetos de arte roubados para apreciá-los em segredo. A única esperança dos ladrões era vender *O grito* aos próprios donos.

No entanto, havia um problema: a Galeria Nacional havia declarado que não pagaria para ter o quadro de volta, pelo menos não publicamente. Entretanto, pensou Roberts, *isso não impediria que alguém agisse em nome da Galeria...*

Uma cena formou-se na mente de Roberts. Ele passara um dia de sua lua-de-mel no Museu J. Paul Getty em Malibu, Califórnia. “Eles têm muito

dinheiro”, afirmou Roberts a Butler. “Com o poder e o prestígio que têm, agarrarão os bandidos.”

Se Getty concordasse, Roberts poderia ser o homem indicado na Europa, oferecendo-se para comprar a obra para a Galeria Nacional. Poderia fazer o papel com perfeição. “Sou até capaz de imitar o sotaque americano”, assegurou a Butler.

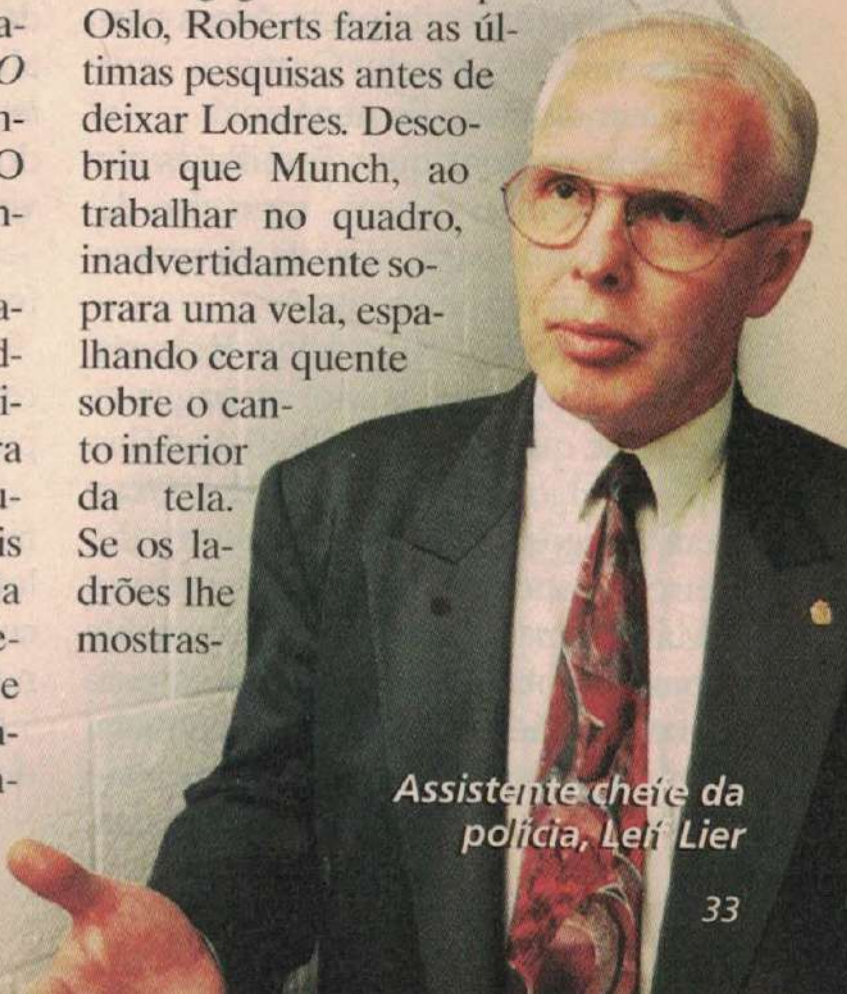
O primeiro passo seria criar identidade falsa para Roberts. Depois de alguns dias, ele foi designado como o homem do museu na Europa. Para garantir que os criminosos e outras pessoas com as quais entrasse em contato acreditassem na história, Roberts incluiu um detalhe plausível. Estudando o catálogo do Museu J. Paul Getty, observou que havia no acervo uma obra do pintor belga James Ensor, denominada *Entrada de Cristo em Bruxelas*, quadro que Munch admitira ter inspirado *O grito*. Era lógico que o Museu Getty planejasse exibir os dois quadros. O museu ajudaria a recuperar *O grito* – e a Noruega, em agradecimento, emprestaria a obra ao Museu. O plano de divulgação da exibição fantasma ficou logo pronto.

Enquanto isso, Roberts aperfeiçoava o sotaque americano. Pediu a Sidney Walker, o mais condecorado oficial da polícia secreta britânica, para ser parceiro na operação. Butler assumiria a responsabilidade pelos oficiais britânicos, enquanto Leif Lier cuidaria da supervisão e do apoio, para proteger os agentes. “Espalhe a notícia de que o quadro pode ter um comprador”, recomendou Butler a Lier. “Vamos ver que coelho sai desse mato.”

SURTIU UMA PERSPECTIVA em meados de abril. O leiloeiro de arte Einar-Tore Ulving recebeu telefonema inesperado de um ex-presidiário chamado Jan Olsen, que dizia conhecer pessoas interessadas em vender *O grito*.

Cético, Ulving exigiu provas do que acabara de ouvir. “Leia o *Dagbladet*”, vociferou Olsen, referindo-se a um dos principais jornais de Oslo. Dois dias mais tarde, certo jornalista do *Dagbladet*, agindo em consequência de um aviso recebido, encontrou pedaços da bela moldura do quadro em uma parada de ônibus da zona rural. Quando Ulving leu a história sob a manchete de letras garrafais, teve certeza de que Olsen dissera a verdade. O encontro foi então marcado entre Olsen e o diretor do museu. Logo em seguida Butler telefonou para Roberts: “Decolamos!”

Enquanto Walker colocava 500 mil libras numa sacola preta e a levava como bagagem de mão para Oslo, Roberts fazia as últimas pesquisas antes de deixar Londres. Descobriu que Munch, ao trabalhar no quadro, inadvertidamente soprara uma vela, espalhando cera quente sobre o canto inferior da tela. Se os ladrões lhe mostras-



Assistente chefe da polícia, Leif Lier

sem um quadro sem respingos de vela, seria falso.

## **Sid tremeu quando Olsen desconfiou que era policial**

NO DIA 5 de maio, um BMW preto estacionou em frente ao Radisson SAS Plaza Hotel, em Oslo. O motorista, muito bem vestido e com aparência de bem-sucedido financeiramente, caminhou em passadas largas pelo saguão revestido de mármore. “Olá, sou Chuck Roberts!”, anunciou em grande estilo.

Aguardando junto à recepção, dois homens se apresentaram: Einar-Tore Ulving e Jan Olsen. Olsen e Roberts se observaram atentamente. Alto e distinto, Roberts parecia elegante demais para ser policial. *Forte e respeitável*, decidiu-se Roberts acerca de Olsen, enquanto retirava da pasta falsos cartões de visita do Museu Getty.

No bar, falaram de negócios.

– Meu pessoal quer 3 milhões de coroas – revelou Olsen – e preciso de mais 150 mil para minhas despesas pessoais, em dinheiro vivo.

– Tudo bem – concordou Roberts dando de ombros, como se pagar o resgate de quase meio milhão de dólares fosse algo que fazia todo dia. Diga a seus amigos que estou aqui com o dinheiro e disposto a fazer um acordo.

Marcaram encontro para a manhã seguinte. Roberts disse que ia trazer um companheiro. Mais tarde naquela noite, enquanto Olsen jogava no cassino local, Roberts ligou para Butler, que

também estava hospedado no hotel. “Acho que eles caíram como patinhos.”

NA MANHÃ SEGUINTE, na sala dos cofres de aluguel, situada atrás da recepção, Walker abriu a sacola preta e mostrou 3 milhões 150 mil coroas. Olsen apanhou um maço de notas segurando-as pelas bordas, a fim de não deixar impressões digitais ao contá-las. A seguir, colocou-as novamente na sacola.

– Você é policial, Sid? – perguntou. Walker encolheu os ombros.

– O que o faz pensar assim?

– Apenas cautela – admitiu Olsen.

Contudo, o dinheiro foi fundamental para o sucesso do golpe. Olsen estava ansioso para concretizar o negócio. Ele foi até o quarto de Roberts para telefonar aos amigos. Enquanto se encontravam no quarto, Olsen revirou a pasta de Roberts, propositadamente deixada aberta, examinando toda a correspondência do Museu Getty ali visível. *Toda aquela preparação valeu a pena*, pensou Roberts, observando com atenção enquanto Olsen e Ulving saíam do apartamento.

Pouco antes da meia-noite, Roberts foi acordado pelo toque do telefone.

– Ulving e eu estamos aqui na recepção – disse Olsen. – O negócio é para esta noite.

– De jeito nenhum – retrucou Roberts. Logo em seguida, desligou o telefone, lavou o rosto rapidamente e ficou aguardando. O telefone tocou de novo. Dessa vez Ulving falou.

– Ora vamos, Roberts, o senhor tem de conhecer uma pessoa.

Roberts desceu ao saguão e, tremen-

do sob a chuva fria, correu até o banco traseiro do carro de Ulving. De repente, a outra porta traseira foi aberta. Um homem usando casaco preto e luvas entrou. Seus olhos eram opacos e aterroizantes. Não piscavam.

– Sou Bjørn – informou. – O quadro está ao sul de Oslo.

Quando o homem sugeriu que partissem imediatamente para fechar o negócio, Roberts protestou com veemência.

– Vocês acham que eu iria a algum lugar com vocês no meio da noite para ter minha cabeça estourada?

Bjørn estava resoluto, mas Roberts foi inflexível.

– Vejam bem, estou pronto para fechar o acordo – afirmou com segurança. – Mas não no meio da noite e sem Sid. Vamos nos encontrar pela manhã.

Finalmente, Bjørn concordou. Roberts bateu a porta do carro e retornou ao hotel.

– Querem fazer o negócio fora de Oslo – comunicou a Butler.

– Não tenho certeza se poderemos operar fora de Oslo – disse Butler.

Roberts se abateu. O plano poderia ir por água abaixo por causa de trivialidade burocrática. *Não há como deixarmos esse marginal ficar com O* grito, pensou.

O OBSTÁCULO DE ÚLTIMA hora foi resolvido e, às seis e meia da manhã seguinte, Roberts recebeu o telefonema de Ulving. Ele parecia exausto e temeroso.

– Bjørn mostrou-me o quadro, mas não quer deixar-me sair. Temos de fazer o negócio agora.

Nessa altura dos acontecimentos, Roberts já sabia que “Bjørn” era Bjørn Grytdal, vigarista que em 1988 roubara outro quadro de Munch. Grytdal apanhou o telefone e falou em tom de ameaça:

– Venham imediatamente.

– Não vou fazer nada enquanto não sair da cama e tomar o café da manhã – replicou Roberts. O homem do Museu J. Paul Getty não estaria disposto a ser pressionado.

Roberts e Olsen comeram e, em seguida, ficaram esperando no BMW preto, até que Walker apareceu com a chave de um apartamento do vizinho Grand Hotel.

– O dinheiro está lá – comunicou Walker a Olsen. – E não há policiais por perto. O BMW partiu rumo ao sul.

Após meia hora de viagem, Olsen mandou Roberts parar em frente a uma lanchonete. Lá dentro, Grytdal aguardava sentado com Ulving, que estava pálido e ansioso. Desarmado e sem apoio, Roberts encontrava-se tenso. Nessas operações de embuste coordenadas pela polícia, o momento da entrega é

sempre o mais perigoso. Ambas as partes ficam com os nervos à flor da pele e os bandidos geralmente prontos para

atirar pelos motivos mais banais. De alguma forma, Roberts teria de arquitetar um cenário que pudesse salvar *O grito* e manter a posse do dinheiro sem troca de tiros.

**Ele precisava evitar ficar a sós com os dois violentos ladrões**



Um grande dia para o diretor da Galeria Nacional, Knut Berg (à direita, segurando a pintura), e para Leif A. Plahter (por trás do quadro): a pintura recuperada é exibida para a imprensa

Depois de muita discussão, Grytdal fez a proposta: Ulving levaria Roberts para apanhar o quadro e ele e Olsen retornariam a Oslo com Walker para esperar no Grand Hotel até que Roberts ligasse dizendo estar com o quadro. Walker então entregaria o dinheiro.

Walker logo percebeu as vantagens. Os três noruegueses estariam separados. O quadro e o dinheiro não precisavam estar no mesmo lugar e eles teriam tempo para providenciar apoio. *Esse plano pode dar certo*, imaginou.

Enquanto vestiam casacos, Walker murmurou para Roberts: "Ligue para Butler assim que puder." Roberts concordou, ciente dos riscos que estavam correndo. Walker ficaria sozinho com dois violentos marginais que poderiam

estar armados. Ele próprio estava só, entrando em território desconhecido.

Após quase uma hora, Roberts e Ulving chegaram à estrada que dava acesso à casa de campo de Ulving. Com muito cuidado, Roberts verificou cada compartimento da casa. Não havia ninguém.

Na cozinha, Ulving levantou o carpete, abriu a porta da passagem secreta e desceu a escada estreita que levava ao porão. Logo voltou trazendo um objeto quadrado embrulhado em pano azul bem sujo. Grytdal lhe entregara o embrulho no meio da noite, obrigando-o a escondê-lo.

Imediatamente, Roberts percebeu que era *O grito*. As cores da têmpera e os tons pastel estavam perfeitos; o frágil

suporte de papelão intacto – e havia pingos de cera no canto inferior do quadro.

*Preciso levá-lo para um lugar seguro,* pensou Roberts, e pediu a Ulving que o levasse para um hotel nas proximidades. No quarto, colocou o quadro sobre a cama e disse a Ulving que ele podia ir embora. Em seguida, telefonou para Butler: “O quadro está comigo e preciso de apoio imediatamente.”

Quando Roberts explicou que Walker estava voltando para Oslo com Grytdal a fim de fazer o pagamento no Grand Hotel, Butler percebeu que o dinheiro não estaria disponível, nem a recepção da polícia preparada para eles. Apressou-se em chamar os homens de Lier. *Deixaremos Walker fazer o pagamento, e depois prenderemos Grytdal quando ele estiver saindo,* imaginou Lier enquanto mandava dois policiais levar a sacola de dinheiro ao apartamento 256 do Grand Hotel.

Contudo, os criminosos já se encontravam no hotel. Esperando a polícia chegar a qualquer momento, Walker servia bebidas do frigobar enquanto Olsen relaxava na cama e Grytdal na poltrona ao lado do telefone. À medida que o tempo passava, tanto o policial quanto os bandidos ficavam mais nervosos, com a perspectiva de uma cilada. De repente, alguém bateu à porta.

Esperando ver um grupo de pelo menos seis oficiais da polícia, Walker a abriu e se deparou com dois homens uniformizados e assustados. Eles pensavam que o apartamento estaria vazio – mas ali se encontravam os ladrões! A sacola cheia de dinheiro pendurada no ombro de um dos policiais caiu fazendo um ruído surdo.

*Politi.* Polícia!, anunciaram em voz alta.

Walker não podia deixar apenas dois policiais sozinhos com aqueles criminosos violentos e ainda não sabia se o quadro estava a salvo. Portanto, era necessário preservar a falsa identidade. Pensando rapidamente, ele apontou para Grytdal e disse para os policiais prenderem-no. A seguir, empurrou Olsen para fora do apartamento. “Corra!”, gritou.

O hotel a essa altura estava cheio de detetives, mas Olsen saiu passando bem ao lado deles. Quando Walker chegou ao saguão, um oficial o deteve. “Roberts está seguro”, informou-lhe o policial. “O quadro está conosco.”

Furioso, o carrancudo Grytdal saiu algemado e escoltado pelos policiais. Poucos dias depois, o mentor do furto, Pål Enger, foi preso. Ulving, também detido, foi logo isento de todas as acusações. Olsen se entregou. Grytdal, que já havia cumprido pena por ajudar Enger num furto anterior, foi condenado a quatro anos e nove meses de prisão. Olsen recebeu dois anos e oito meses, e o quarto integrante da quadrilha teve a pena fixada em três anos e nove meses. Quando o juiz proferiu a sentença de Enger – mais de seis anos – o réu jogou uma jarra de água contra a parede do tribunal – e deu um grito.

---

*Após recuperar O grito, John Butler se aposentou e foi trabalhar para os Cassinos Grosvenor, em Londres. Sid Walker e Charles Roberts retornaram à Scotland Yard.*

